

A ALIENAÇÃO DA SEXUALIDADE NA PROBLEMÁTICA DA ALIENAÇÃO NA PARA ONTOLOGIA DO SER SOCIAL DE LUKÁCS

Alexandre Silva Braga¹

Dávillo de Lima Ferreira²

Francisca Maurilene do Carmo³

Josefa Jackline Rabelo⁴

Samara Almeida Chaves Braga⁵

RESUMO

O presente artigo trata de um ensaio de compreensão acerca das categorias sensibilidade, ter e alienação da sexualidade tratados por Lukács (a partir dos fundamentos teóricos presente em Marx) no capítulo intitulado *A Problemática da Alienação* de sua obra *Para uma Ontologia do ser social*. Nesse sentido, esse estudo traz Lukács em diversos momentos citando o Trabalho Alienado, nos *Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844*, de Marx, além da alienação da sexualidade, cabe salientar, na *Para uma Ontologia do ser social*, objeto privilegiado deste trabalho. Na perspectiva da reafirmação da possibilidade onto-histórica da superação da alienação, numa sociedade livre das amarras do capital, ressalta-se a importância da luta contra deformação das personalidades do indivíduo, ao mesmo tempo, negando seu pleno acesso ao patrimônio genérico historicamente construído e entravando a formação de sua consciência de classe. Para a elaboração desse estudo de caráter teórico-bibliográfico, traremos, primordialmente, Lukács fundamentado em Marx, sem dispensar, entretanto, as contribuições de intérpretes basilares do filósofo húngaro, como Tertulian (2001), Mészáros (2009), Lessa (2007); Holanda (2005), Costa (2005) e Moraes (2007).

Palavras-chave: Alienação da Sexualidade; Sensibilidade; Ter.

THE ALIENATION OF SEXUALITY IN THE PROBLEM OF ALIENATION IN LUKÁCS' ONTOLOGY OF SOCIAL BEING

ABSTRACT

This article is an essay on understanding the categories of sensitivity, having, and alienation of sexuality addressed by Lukács (based on Marx's theoretical foundations)

1 Graduado em História. Bacharel em Direito. Especialista em Docência do Ensino Superior. Professor efetivo da Rede Municipal de Ensino de Fortaleza. E-mail: hasbraga@yahoo.com.br.

2 Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal do Ceará - UFC. Professor da Rede Municipal de Ensino de Fortaleza. E-mail: davillodelima@hotmail.com.

3 Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará. Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará. Coordenadora da Linha de Pesquisa: Educação, Estética e Sociedade. E-mail: fmcmaura@hotmail.com

4 Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará. Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará. Membro da Linha de pesquisa Educação, Estética e Sociedade. E-mail: jacklinerabelo@gmail.com.

5 Pós-Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará – UFC. Professora da Rede de Ensino Estadual. E-mail: samachaves5@hotmail.com

in the chapter entitled The Problem of Alienation in his work Towards an Ontology of Social Being. In this sense, this study quotes Lukács at various points citing Alienated Labour in Marx's Economic and Philosophical Manuscripts of 1844, in addition to the alienation of sexuality, which should be highlighted in Towards an Ontology of Social Being, the main focus of this work. From the perspective of reaffirming the onto-historical possibility of overcoming alienation in a society free from the shackles of capital, we emphasise the importance of fighting against the deformation of individuals' personalities, while at the same time denying them full access to their historically constructed generic heritage and hindering the formation of their class consciousness. For the elaboration of this theoretical-bibliographical study, we will primarily draw on Lukács, based on Marx, without, however, disregarding the contributions of fundamental interpreters of the Hungarian philosopher, such as Tertulian (2001), Mészáros (2009), Lessa (2007); Holanda (2005), Costa (2005) and Moraes (2007).

Keywords: Alienation of Sexuality; Sensitivity; Have.

INTRODUÇÃO

O presente artigo assume, como problemática central, o estudo acerca das categorias sensibilidade, ter e alienação da sexualidade na obra *Para Ontologia do Ser Social* de Lukács, o qual trata das condições e possibilidades da superação do trabalho alienado, como de seus desdobramentos essenciais sobre a totalidade de complexos que constituem a sociabilidade humana sob o capital.

Assim sendo, na contramão da lógica vigente desta sociabilidade, diante dos mais diversos referenciais teóricos que, direta ou indiretamente, fazem apologia à reprodução do capitalismo, situamo-nos numa perspectiva de compreensão do real que explicita os fenômenos sob investigação, em conexão com o processo de reprodução social e as mazelas sociais provenientes das relações fundadas na exploração do homem pelo homem. Referenciamo-nos, com efeito, numa perspectiva ontológica do marxismo, entendendo que este referencial permite examinarmos, pela raiz, as contradições do real e, ao mesmo tempo, lançar perspectivas de construção do reino da liberdade.

Para uma ontologia do ser social representa a obra de maturidade de Lukács, na qual, o filósofo opera, por excelência, uma autêntica recuperação do pensamento de Marx. Sob esse raciocínio, Tertulian (2001, p. 43), reafirma a fidelidade de Lukács ao pensamento marxiano em *Para uma ontologia do ser social*, advogando, outrossim, que, nesta obra, como durante sua longa e complexa trajetória, o filósofo

húngaro jamais abandonou o conceito de consciência de classe, como fizeram, por exemplo Habermas e Adorno, dentre outros teóricos, que buscaram, por fora das categorias marxianas fundamentais, as explicações mais profundas para os grandes problemas levantados no seu tempo histórico, como a falência da própria revolução socialista.

Lessa (2007) expõe alguns elementos sobre a trajetória do filósofo húngaro até a construção de sua Ontologia, posteriormente à Estética, sendo oportuno, aqui, recuperá-los:

Georg Lukács é uma personalidade singular na filosofia contemporânea. Ainda muito jovem, com o livro *A alma e as formas* (1910) obtém lugar de destaque no cenário europeu. Alguns anos após, abandona as influências kantianas deste escrito e adere ao Partido Comunista Húngaro. O primeiro momento da sua trajetória marxista resultou na sua produção de um dos textos mais significativos e de maior influência deste século, *História e Consciência de Classes* e, tomando contato com os *Manuscritos de 1844* de Marx, inicia sua investigação ontológica, na maior parte das vezes pela mediação da estética (Lessa, 2007, p. 11, grifos no original).

Ainda, arrematando a importância da recuperação ontológica da obra de Marx, operada por Lukács, Lessa salienta que:

[...] a ontologia lukacsiana tem por objetivo demonstrar a possibilidade ontológica da emancipação humana, da superação da barbárie da exploração do homem pelo homem. Independente de se concordar ou não com o filósofo húngaro, o tema sobre o qual se debruçou, e a competência com o que o fez, tornam sua obra um marco do pensamento contemporâneo (Lessa, 2007, p. 13).

Vale ressaltar a pretensão de Lukács de que esta relevante obra se traduzisse em uma grande introdução àquela em que o autor pretendia se dedicar, sobre a base da Ontologia: a Ética. Devido à morte de Lukács, sua *Ética* não pôde ser desenvolvida, sequer sua *Para uma Ontologia do ser social* apresenta uma redação final.

Dessa maneira, contextualizando em linhas gerais a importância de Lukács para a recuperação da ontologia do ser social no pensamento marxiano, vale reafirmar que este se mantém fiel à construção de uma teoria autenticamente revolucionária, oferecendo valiosíssimas contribuições à compreensão da gênese e da processualidade onto-histórica do ser social.

Tal estado de coisas é muito bem representado pelas sociedades de classes, em uma de suas legitimações mais cruéis, que é a propagação crescente da alienação humana. Em contrapartida, nosso estudo não poderia deixar de afirmar, no mesmo terreno ontológico, a possibilidade da superação do complexo da alienação efetivada em uma sociedade fundada no trabalho livre e associado.

Nesse sentido, é importante destacar que, conforme sustenta Mészáros (2009), em sua obra *A teoria da alienação em Marx*, o núcleo central da análise de Marx, para além da compreensão do trabalho alienado, em suas raízes na sociabilidade capitalista, repousa na perspectiva de superação do fenômeno da alienação. Nas palavras de Mészáros (2009, p. 20), “o núcleo dos *Manuscritos de Paris*, que dá estrutura à totalidade do trabalho, é o conceito da ‘transcendência (ou superação) da auto-alienação do trabalho’”.

Com relação à complexa problemática da alienação, temos, por fim, o registro de Lessa (2007, p. 136), salientando que: “Resta aos lukacsianos [...], entre as inúmeras outras tarefas que a história propõe, avançar a partir dos indícios deixados pelo pensador húngaro”. Para tanto, um primeiro passo imprescindível, nessa direção, é a compreensão do pensamento lukacsiano, tendo em vista que o nosso trabalho pretende se situar no escopo desse referencial teórico.

A estruturação criada e delimitada por Lukács (1981), no Capítulo *L'estraniamento* (A Alienação, conforme a tradução acima mencionada), inserido às páginas 559 a 808, de sua *Ontologia Dell'Essere Sociale* obedece ao seguinte desenvolvimento: 1. *I tratti ontologici generali dell'estraniamento* (p. 559-616) – Os traços ontológicos gerais da alienação; 2. *Gli aspetti ideologici dell'estraniamento. La religione come estraniamento* (p. 617-725) – Os aspectos ideológicos da alienação. A religião como alienação; 3. *La base oggettiva dell'estraniamento e del suo superamento. La forma attuale dell'estraniamento* (p. 727-808) – A base objetiva da alienação e de sua superação. A forma atual da alienação.

Em nosso estudo, realizamos, de princípio, uma aproximação preliminar das categorias da sensibilidade, ter e alienação da sexualidade analisadas por Lukács no capítulo da problemática da alienação. Para tanto, Lukács alude sistematicamente a passagens dos *Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844*, no seu Capítulo IV de *Para uma Ontologia do ser social*. Para a elaboração desse estudo de caráter teórico-

bibliográfico, nos fundamentamos nas contribuições de intérpretes basilares do filósofo húngaro, como Lessa, Holanda, Gilmaisa Costa e Moraes.

Com o objetivo de analisar no complexo da alienação, especificamente as categorias sensibilidade, ter e alienação da sexualidade na obra de maturidade de Lukács, podemos reafirmar o trabalho como gênese do ser social, apontando, em última análise, para o horizonte de uma sociedade autenticamente emancipada, fundada no trabalho livre e associado.

Desse modo, podemos identificar que uma categoria fundamental para compreendermos as bases ontológicas da alienação é a sensibilidade. Segundo Lukács (1981), fundamentado em Marx nos *Manuscritos de 1844*, por meio da compreensão da sensibilidade, podemos perceber os níveis de degradação dos processos de alienação refletidos nos sentidos humanos. Essa degradação está diretamente relacionada à categoria do ter que, através do desenvolvimento das forças produtivas e do desenvolvimento das capacidades humanas, não se traduz necessariamente em benefícios para o desenvolvimento das personalidades dos indivíduos.

De fato, a partir de Moraes (2007), em seu estudo acerca da problemática da individualidade em *O Capital*, podemos apontar o tratamento dado aos indivíduos diante da complexificação dos níveis crescentes de alienação permeados pela categoria do ter:

Os indivíduos o que são? Tornam-se meros cambistas e indiferentes, humanamente falando. A diversidade dos conhecimentos e habilidades engendradas pela atividade humana necessárias à produção de riqueza perde seu significado, pois a lógica da equivalência como pressuposto do intercâmbio social cancela a diferença entre homens e coisas – tudo se torna mercadoria. Não importa o indivíduo Paulo, Pedro, João com seus atributos humanos, com sua individualidade singular, os homens tornam-se meras personagens econômicas nas figuras do capitalista e do trabalhador, de forma que suas individualidades encontram-se reduzidas a meros momentos do processo reprodutivo do capital (Moraes, 2007, p. 149).

Então, é justamente pela mediação do ter, engendrada pelos processos de alienação na sociabilidade de classes, que presenciamos os agravamentos dos processos de coisificação dos indivíduos e de fetichização da mercadoria. Por isso, mesmo diante de tamanho desenvolvimento das forças produtivas e de tão notável

desenvolvimento das capacidades humanas, prepondera a alienação mediada pela categoria do ter e pela subsunção do valor-de-uso ao valor-de-troca.

No âmago desse processo, o homem é um mero suporte para a produção do valor e valorização do valor, o que se reflete na degradação das personalidades dos indivíduos.

Lukács (1981) introduz sua análise sobre os fundamentos ontológicos da alienação, evidenciando que esta não é uma condição humana inerente aos indivíduos e, conseqüentemente, como todo complexo histórico, as alienações assumem características peculiares a cada sistema socioeconômico específico de um dado momento da reprodução social, configurando-se, dessa maneira, como um complexo histórico que pode vir a ser superado ou agravado.

Nas palavras do próprio Lukács (1981), devemos entender a alienação como:

[...] um fenômeno exclusivamente histórico-social que apresenta em determinada altura do desenvolvimento existente, a partir desse momento, assume na história formas sempre diferentes, cada vez mais claras. Logo, a sua constituição não tem nada a ver com uma *condition humaine* geral e tanto menos possui uma universalidade cósmica (Lukács, 1981, p. 1, grifos no original).

Nessa linha de raciocínio, Holanda (2005), referindo-se à concepção de Lukács, quanto ao caráter histórico da alienação, assim se expressa:

Sua concepção, alicerçada nos princípios ontológicos fundamentais de Marx, considera ser este um fenômeno – a exemplo dos demais fenômenos do mundo dos homens – portador de continuidade histórica. Mas nenhum deles é tão universal no tempo quanto a alienação, categoria que ao longo do desenvolvimento econômico-social tem se apresentado sob diferentes formas e conteúdos (Holanda, 2005, p. 25).

Após introduzir a problemática da alienação em seu caráter essencialmente histórico-social, Lukács vai explicitando seu afastamento em relação à concepção idealista de Hegel sobre alienação. Prova disso é que o texto do filósofo húngaro referente à alienação encontra-se permeado de longas citações, em diversos

momentos, de várias obras de Marx⁶, demonstrando, com isso, sua fidelidade a teoria marxiana.

Vejamos então uma passagem do próprio Lukács (1981), na qual põe em destaque a crítica que Marx faz a Hegel sobre a concepção hegeliana de alienação:

A interpretação do problema tem em Hegel raízes lógico-especulativas, ela deve conduzir a fundar o pensamento absoluto, cuja encarnação adequada – mas levada até o fim com coerência, somente no sentido negativo – é o sujeito-objeto idêntico. Logo, as alienações expostas por Hegel na Fenomenologia (por exemplo, riqueza, potência do estado, etc.) seriam pela sua própria natureza, simplesmente alienações “do pensamento filosófico puro, ou seja, abstrato” (Lukács, 1981, p. 2).

Lukács (1981, p. 2) situa, muito claramente, essa problemática acerca da concepção de Hegel, afirmando que, em Marx: “[...] a objetividade não é um produto posto pelo pensamento, mas algo ontologicamente primário, uma propriedade originária de todo ser, inseparável do ser (que o correto pensamento não pode pensar separado)”.

Todavia, o pensamento do filósofo idealista inverte o processo de desenvolvimento da alienação, uma vez que na análise hegeliana, um problema que é de ordem histórico-social recebe um tratamento no plano do desenvolvimento meramente espiritual, como se tudo pudesse ser resolvido por meio do processo de autoconsciência, ou seja, bastaria aos indivíduos se conscientizarem para que a problemática da alienação fosse solucionada. Isto demonstra que a concepção hegeliana trata esse complexo de forma desconectada em relação à totalidade social.

Lukács esclarece a relevância do entendimento acerca da concepção hegeliana de alienação, a fim de podermos entender com clareza a inversão idealista então operada:

Somente sobre o fundamento desta restauração ideal do ser assim como é em-si, como reflete e se exprime adequadamente no pensamento, torna-se possível caracterizar em termos ontológicos a alienação real enquanto processo real no ser social real do homem (Lukács, 1981, p. 3).

6 Dentre essas obras de Marx, Lukács cita, por exemplo: *Manuscritos econômico-filosóficos*; *O Capital*; *Miséria da Filosofia*; *Sagrada Família*; *Grundrisse*; *Salário, Preço e Lucro*; *Questão Judaica*; *Crítica a filosofia do direito em Hegel*; dentre outras.

Lukács cita Marx, para ilustrar a crítica que este faz ao antagonismo existente no pensamento de Hegel em relação à identidade entre sujeito-objeto no processo de alienação:

Isso que vale como essência posta e que esconde a alienação não é que o ente humano se *objetive desumanamente* em oposição a si mesmo, mas, ao contrário, que ele se objetive *diferenciando-se* e *opondo-se* ao abstrato pensamento (Lukács, 1981, p. 3, grifos no original).

Nessa direção, podemos asseverar que não existe identidade entre sujeito e objeto, ou seja, um ente só pode ser se objetivando, pois um ente não objetivo é um não-ente. Com efeito, apreendermos a distinção entre sujeito e objeto, a partir da afirmação marxiana de que “um ente não objetivo é um não-ente”, pois esta é imprescindível para compreendermos o problema da alienação de maneira radical, ou seja, em seus fundamentos onto-históricos. Com estes, podemos entender que na relação sujeito e objeto existem dois momentos (objetivação e exteriorização) distintos para o desenvolvimento da práxis humana.

Como atesta Costa (2007, p. 34), “Lukács se apóia em Marx nos *Manuscritos econômico-filosóficos* quando, da sua crítica ao idealismo hegeliano sobre a redução da alienação ao pensamento abstrato, lógico-especulativo” (grifos no original).

Como nos esclarece a mesma autora,

Marx se contrapõe a Hegel no sentido de que o segundo não vê na alienação um reflexo no pensamento da alienação humana existente no real, não uma categoria objetiva, mas puramente ideal. Uma postura derivada do fato de Hegel não ter conseguido apreender o homem como ser sensível, objetivo, mas como autoconsciência (Costa, 2007, p. 35).

Nesse sentido, por meio dos desdobramentos dos processos de objetivação e exteriorização na práxis humana, na sociabilidade erigida pela divisão de classes e, mais especificamente, na sociabilidade do capital, podemos entender como a exteriorização pode vir a se transformar em alienação. Por isso, Lukács explica o lugar da exteriorização dos indivíduos como um ato também objetivo, sensível e histórico, afirmando que:

Com isso resulta, todavia, determinado apenas o 'lugar' ontológico da alienação. A sua essência concreta, o seu lugar e significado no processo de desenvolvimento da sociedade aparecem, pois, em inúmeros contextos analisados no plano econômico tanto pelo Marx jovem, como pelo Marx maduro (Lukács, 1981, p. 3).

Continuando esse raciocínio, leva-nos a entender que o problema da alienação não é específico do jovem Marx, exemplo disto ocorre quando o próprio Marx analisa a categoria que estamos discutindo, nas *Teorias sobre a mais-valia*, demonstrando que a referida problemática está presente também em suas obras de maturidade.

Além disso, é necessário esclarecermos que com o desenvolvimento das forças produtivas, a problemática da alienação se evidencia, contribuindo para a deformação da personalidade dos indivíduos, ou seja, constituindo um relevante obstáculo para a transformação da personalidade particular em personalidade não-mais-particular.

Em decorrência desses posicionamentos, concordamos com a síntese elaborada por Costa (2007), apoiada em Lukács, acerca da compreensão da categoria personalidade como um fundamento ontológico para o radical entendimento dos fundamentos da problemática da alienação:

No processo de reprodução social a divisão do trabalho se complexifica e expande o campo de possibilidades histórico-sociais concreto da personalidade. Mas esse movimento não está livre de alienações; a ação do desenvolvimento das forças produtivas sobre os indivíduos restringe o nível de desenvolvimento das personalidades. Relações sociais baseadas na exploração do homem pelo homem reduzem sentimentos e aspirações ao plano do ter e cerceiam a expansão da personalidade no sentido do para-si do gênero humano (Costa, 2007, p. 6).

Portanto, de acordo com pensamento ontológico de Lukács, o processo de desenvolvimento das forças produtivas e de desenvolvimento das personalidades dos indivíduos não caminha, necessariamente, na mesma direção. Ao contrário, o primeiro contribui, muitas vezes, para a limitação do segundo.

Nessa direção, Costa (2007, p. 98) explica: "A fragmentação do homem no processo produtivo limita o desenvolvimento das individualidades, como unidade objetiva e subjetiva, ao plano da particularidade, tornando o ter a única medida de sua liberdade." Com efeito, o desenvolvimento da reprodução capitalista e das forças

produtivas, cada vez mais, leva ao crescimento da desagregação da personalidade humana, o que pode ser evidenciado pelas diversas formas de exteriorizações alienadas, como a alienação da sexualidade mediadas pelas categorias: da sensibilidade – sensibilização dos sentidos – e do ter, como traremos ao logo desse estudo.

REFERENCIAL TEÓRICO

No processo de sensibilização dos sentidos humanos, ou seja, do homem tornar-se homem, tornar-se ser social, a relação entre o homem e a mulher abaliza, de maneira explícita, o nível de alienação de uma determinada sociabilidade. Nesse sentido, cabe destacar, Lukács (1981) denomina essa alienação existente nas relações entre homens e mulheres de alienação da sexualidade ou subalternidade sexual da mulher.

Para o filósofo húngaro, Marx enuncia esse tipo de alienação nos fundamentos do processo de sensibilização dos indivíduos, em sua obra *Manuscritos econômico-filosóficos de 1844*, onde destaca em que medida a humanidade do ser social de fato se naturalizou no mundo das relações entre homens e mulheres, ou seja, em que medida a civilidade está naturalizada na relação entre os indivíduos.

Lukács (1981) se fundamenta na obra marxiana para explicar as mediações dos fundamentos ontológicos da problemática da alienação. Destaca a categoria da sensibilidade manifestada pelo nível de sensibilização, o qual estaria muito bem ilustrado no contexto das relações existentes entre homens e mulheres, a qual é tratada, sobretudo, na análise empreendida pelo filósofo húngaro, no que diz respeito a alienação da sexualidade.

Sob esse aspecto, a autora lukácsiana Costa (2007, p. 100) esclarece: “[...] o grau de desenvolvimento humano-social de uma civilização pode ser avaliado a partir da relação entre homem e mulher ali existente”. Nessas relações, a degradação das personalidades dos indivíduos, provenientes das mais diversas formas de alienação na sociabilidade de classes, é bem evidenciada, a ponto de Marx tê-las denominado de relações bestiais.

Como enfaticamente esclarece:

Alienações deste tipo atuam rebaixando a sensibilidade humana a um nível aquém do possível mesmo para tal estágio de desenvolvimento do gênero humano. Refletem a desigualdade do desenvolvimento entre forças produtivas, que levam as capacidades a alcançar um nível sempre mais elevado enquanto a personalidade mantém no plano da particularidade. A satisfação das funções reprodutivas representa para aqueles indivíduos a única forma de sentir-se livre, de sua realização como homem, em detrimento do seu ser homem integral no âmbito do crescimento genérico já alcançado (Costa, 2007, p. 98).

Assim, a sensibilidade, em sua específica legalidade, representa, ao lado da categoria da alternativa, em primeiro lugar, o salto ontológico do ser social em relação ao ser orgânico e, em segundo lugar, a possibilidade da transformação da personalidade particular em personalidade não-mais-particular dos indivíduos. Isto configuraria o segundo salto ontológico viabilizando que os indivíduos gozem de oportunidades iguais e plenas de desenvolver suas mais genuínas capacidades.

Todavia, os sentidos dos entes sociais contextualizados nas relações de produção engendradas pelo trabalho subsumido ao capital, são bem explicitados na alienação da vida sexual desses indivíduos e, mais especificamente, no nível de desenvolvimento das personalidades alcançado numa dada forma de sociabilidade. A esse respeito, vale esclarecer, Costa (2007, p. 101-102) afirma que: “A transformação do homem em pessoa, em personalidade, é produto da transformação das relações dos homens entre si em relações cada vez mais humanas [...] formam um substrato à personalidade humana, se exprimem na sua forma mais direta nas relações entre os sexos”.

Segundo Lukács, baseado em Marx, outra mediação importante, entre a sensibilidade e a alienação da vida sexual, é a categoria do ter, tendo em vista que a ideologia do ter representa um dos fundamentos mais relevantes para desnudarmos o processo de alienação humana até os nossos dias, encontrando-se por trás disso, a relação de desumanização do trabalho submetido ao capital.

De acordo com o filósofo húngaro, ressaltamos que os sentidos humanos – a sensibilidade – só poderão se desenvolver, plenamente, em direção a uma generidade para-si, com a abolição da categoria do ter que atravessar a subsunção do valor-de-uso ao valor-de-troca. Nesta relação, os processos de reificação dos

indivíduos e fetichização das mercadorias são manifestadas precisamente pela categoria do ter em detrimento da constituição do ser social.

Para Marx e Lukács, a categoria do ter e todos os seus desdobramentos são entraves ao processo de emancipação dos indivíduos frente à lógica de reprodução social do capital.

Portanto, salientamos a partir dos fundamentos ontológicos de Lukács (1981) que uma sociabilidade humana emancipada só poderá se efetivar com o fim da alienação da vida sexual entre os indivíduos, entre homem e mulher, entre homens e outros homens. Como explica o filósofo húngaro, a luta pela emancipação feminina é uma luta relevante como um meio, e não como um fim, em favor da emancipação humana.

Entretanto, a abolição da categoria do ter numa dada forma de sociedade não pode ser efetivada sem o fim da alienação sexual. Por isso, Lukács (1981) aponta como fundamento ontológico para compreendermos a problemática da alienação.

Vejamos como Lukács (1981) ressalta o lugar da sensibilidade dos indivíduos no processo de desenvolvimento do gênero humano de maneira autêntica:

O desenvolvimento do homem em direção a uma generidade autêntica não é, por conseguinte, como dizem as religiões e quase todas as filosofias idealistas, um simples desenvolvimento das denominadas faculdades “superiores” dos homens, (o pensamento, etc.) em prejuízo da “inferior” sensibilidade, mas, ao invés, exprime-se no complexo total do ser do homem e por isso também – no imediato, aliás: acima de tudo, - na sua sensibilidade (Lukács, 1981, p. 18).

Contudo, conforme Lukács (1981), a sensibilidade dos indivíduos forjada na lógica da reprodução capital-trabalho pode se reduzir ao exacerbado individualismo. Este, muito bem representado na formação do ter em detrimento da igualdade de oportunidades ao desenvolvimento das capacidades humanas negada aos trabalhadores.

Nessa linha valorativa, identificamos, nos *Manuscritos econômico-filosóficos de 1844*, que Marx retrata com profundidade a violência vivenciada pelos trabalhadores na sociedade capitalista. Nessa direção, o indivíduo está alienado a um processo de sensibilização similar às funções dos animais e, por isso, está

impossibilitado de tornar-se plenamente homem do homem, pois o indivíduo explorado, carente, ainda mais, do tempo livre, é inferior a um burro de carga, como analisam Marx e, depois, Lukács.

Contrariamente à crueldade desumana atrelada à falta de oportunidades para os indivíduos desenvolverem plenamente suas habilidades, presenciamos potencialmente o movimento do real de maneira dialética. Nesse movimento, existem possibilidades lançadas (mesmo diante das diversas formas de alienação) para a transformação do gênero em-si em busca do gênero para-si do ser social. Acima de tudo, deve ser compreendido que a emancipação humana significa primordialmente a libertação de todos os sentidos e qualidades humanas que estão aprisionadas à propriedade privada de manipulação e exploração do homem pelo homem.

Então, se, numa sociabilidade alienada, a essência humana está praticamente reduzida à natureza das necessidades animais, é preciso, ter em mente que esta essência, ainda que alienada e manipulada, jamais poderá retroagir na escala ontológica ao nível do ser animal. Ao mesmo tempo, é nessa forma de alienação que fica explicitado em que medida a natureza humana se transformou em naturalmente humana.

Sob essa linha de pensamento, Lukács (1981) esclarece que é por meio dos reflexos da alienação da sexualidade e seus desdobramentos no desenvolvimento da personalidade humana entre os sexos. Desse modo, o filósofo humano revela acerca da formação dos indivíduos, nesse cenário, são encontrados:

[...] os momentos essenciais da transformação da relação natural – insuprimível -- entre os sexos na relação entre personalidade humana e, por conseguinte, simultaneamente, em conduta da vida humano-genérica, no realizar-se do gênero não mais “mudo” mediante o real tornar-se homem do homem (Lukács, 1981, p. 23).

Diante do exposto depreendemos que, com o salto ontológico, o homem passou a reagir ao mundo de maneira não mais animalesca, uma vez que, pelo desenvolvimento do trabalho e das outras práxis sociais fundadas por este, tornou-se possível o desenvolvimento das capacidades humanas. Todavia, estas não são refletidas na relação da vida sexual dos indivíduos entre homem e mulher.

Por esse prisma, compreendemos que a análise de Lukács (1981), após o declínio das formas de vida no matriarcado, o domínio do homem e a opressão da mulher passaram a constituir o durável fundamento da convivência social entre os seres humanos na sociabilidade de classes. O homem não se reconhece na mulher e, tão pouco, a segunda se reconhece no primeiro.

Conforme Lukács (1981), Engels, em sua obra *A Origem da Família e da Propriedade*, analisa com profundidade a relação de gênero:

A reviravolta do matriarcado significou a derrota no plano universal do sexo feminino. O homem toma nas mãos até a direção da casa, a mulher foi aviltada, dominada, tornada escrava de seus desejos e simples instrumento para produzir filhos (Lukács, 1981, p. 23).

Entendemos que, em pleno século XXI, a opressão da mulher ainda não foi superada, o que caracteriza a alienação de ambos os sexos. O homem, ao alienar a mulher, está alienando a si próprio devido a sua incapacidade de se reconhecer no outro. Ao alienar o outro, o homem também está se alienando e, tampouco se reconhece no outro ser. Essa relação esclarece a própria alienação entre o ser e outro-ser, configurando o tipo de comportamento individualista perfeito para a violenta estruturação da sociabilidade burguesa.

Podemos fortalecer nossa análise com base em Holanda (2005, p. 57), que demonstra:

Para Lukács, a efetiva igualdade das mulheres no trabalho e na família deve ser conquistada a partir do terreno específico no qual tem sido bloqueada, o da própria sexualidade. Isto implica não apenas lutar contra os impulsos alienantes derivados do homem, mas deve igualmente apontar em direção à própria autolibertação interior. A ideologia do 'ter' representa 'uma das bases fundamentais de toda alienação humana', e jamais será derrotada 'se não for extinta a subalternidade sexual da mulher'.

Cabe salientar, apesar da subjugação da mulher ao caráter de mercadoria, vale ressaltar que muitas conquistas históricas foram alcançadas pelas mulheres com força, luta e derramamento de sangue.

Precisamente por isso, compreendemos que a consciência do alienante e do alienado não se contrapõe à premissa do plano ontológico geral, quer dizer, até

mesmo nesse contexto de alienação dos indivíduos, onde estes não têm igualdade de oportunidades para se desenvolverem.

Nesse processo, as determinações individuais e sociais das diversas formas de alienação no campo das relações entre homens e mulheres, exploradores e explorados, alienadores e alienados, acompanharam o desenvolvimento econômico dos últimos séculos, considerando que a necessidade da reprodução do capitalismo aumentou a lucratividade dos empresários com a aquisição de mão-de-obra barata, o que abriu as portas para o ingresso das mulheres no mercado de trabalho.

Diante desse quadro, como elucida Lukács, foram lançadas as possibilidades da condução feminina a uma existência economicamente autônoma em relação aos homens.

De acordo com o filósofo húngaro, a situação da alienação entre indivíduos configura-se numa crise cada vez mais extensa, manifestada, sobretudo, na sociabilidade de classes atualmente em pauta, onde percebemos que a bandeira de luta é a autonomia econômica na conduta para a emancipação da mulher. Referida autonomia, contudo, tem contribuído pouco para a emancipação feminina, não se tendo conquistado a igualdade efetiva entre homens e mulheres no mercado de trabalho e, tão pouco, no âmbito da vida familiar.

Precisamente por isso, ressaltamos que a subalternidade sexual da mulher é a sua subalternidade em geral, logo, no limite, a luta contra a alienação sexual deve ser uma só com a luta pela emancipação humana. E ainda: a contraposição às diversas formas de alienação coincidirá com a luta pela construção de uma sociabilidade fundada em direção à própria auto-libertação interior do indivíduo.

Lukács (1981, p. 42) esclarece a questão a alienação da vida sexual em toda a sua complexidade:

Não é possível que a libertação (*Befreiung*) sexual isolada leve à verdadeira solução do problema central, aquele de tornar humanas as relações entre os sexos. Sobretudo existe o perigo do quanto o desenvolvimento fez até hoje para tornar socialmente humana a pura sexualidade humana (erotismo) seja de novo perdido. Só quando os seres humanos tiverem encontrado relações recíprocas que os unifiquem como entes naturais (tornados sociais) e inseparavelmente como personalidades sociais, será possível superar verdadeiramente a alienação na vida sexual.

Precisamente pelo desrespeito às relações humanas mediadas pela categoria do ter, é que presenciamos aberrações nas personalidades dos indivíduos. Assim, o masoquismo, a subjugação absoluta da mulher à excentricidade pornográfica são valores apregoados e naturalizados num estágio gradativo e deprimente da degenerescência humana provocada pela reprodução das relações alienadas.

Por conseguinte, tais práticas são manifestações assentes ao capitalismo, objetivadas através de mecanismos ideológicos para subjugar a mulher à condição de mercadoria. Este fato denota que o puro ingresso das mulheres no mercado de trabalho não pode representar a emancipação do gênero feminino.

Na esteira da alienação da sexualidade, Lukács enfatiza continuamente a relevância de superarmos o homem alienado dos seus sentidos humanos enraizados no ter com todas as mediações peculiares ao processo de reprodução social fundada na relação capital-trabalho. Sendo assim, Lukács (1981, p. 44) citando Marx, explica: “a objetivação da essência humana, tanto do ponto de vista teórico como prático, é necessária para *humanizar os sentidos* do homem e criar a *sensibilidade humana* correspondente a toda riqueza do ser humano natural”. (grifos no original).

Nesse sentido, a sensibilidade do indivíduo como homem do homem, o autor é consistente em anotar, só poderá vir a se efetivar mediante a plena humanização das relações entre os sexos.

Como vimos apontando a partir do texto lukacsiano, a luta contra a problemática da alienação no sistema capitalista deve estar associada à superação social do ter e, consequentemente, a luta em favor da humanização dos sentidos humanos.

Então reconhecemos o papel ontológico da luta também contra a alienação da vida sexual entre homens e mulheres. Parafraseando Marx, Lukács (1981) faz questão de sublinhar a importantíssima afirmação do autor acerca da categoria do ter, como sendo fundamental para compreendermos a interligação entre homem alienado e realidade:

Neste contexto nos interessa, sobretudo o problema da alienação, e neste ponto nos interessam exatamente os seus efeitos sobre os homens enquanto entes sociais sensíveis. Já nos reportamos a importantíssima afirmação de Marx segundo a qual a superação social do ‘ter’ como categoria fundamental da relação entre homem alienado e a realidade que o circunda, pode fazer

com que 'os sentidos tornem-se teóricos imediatamente, na sua prática' (Lukács, 1981, p. 44).

A categoria do ter diretamente vinculada à formação da sociabilidade de classes provoca nos entes sensíveis o processo de distanciamento do ser social em relação ao desenvolvimento das diversas potencialidades dos indivíduos. Da mesma forma a alienação da sexualidade explicita esse nível de distanciamento.

Como salienta Lukács (idem) no contexto da alienação da sexualidade, evidenciando o processo de desenvolvimento da civilização com relação à vida alienada entre homem e mulher:

[...] todo o desenvolvimento da civilização e nele da relação entre o homem e a mulher normalmente se realizam de forma alienada e, portanto, uma série de formas de alienação são componentes necessários do desenvolvimento ocorrido até hoje e poderão ser superadas apenas no comunismo (Lukács, 1981, p. 25).

Para Lukács (1981), a história da alienação sexual é marcada pela imposição da disponibilidade sexual da mulher. Esta é tratada muitas vezes como um objeto de posse de um homem para posse de outro homem. Contudo, existe a resistência heroica contra as diversas formas de opressão sofrida pelas mulheres ao longo da pré-história da humanidade.

Diante de tais práticas no contexto da alienação da sexualidade analisada pelo filósofo húngaro, a luta realizada pelas mulheres dentro da totalidade social é um fato presente ao longo da história dos indivíduos como manifestação de resistência frente ao processo de alienação.

Esses indivíduos alienados conservam, no próprio processo de alienação, a genericidade em-si, não podendo ser cancelada a consciência do ser em-si em busca da construção das possibilidades de transformação autêntica do gênero humano, ou seja, de genericidade em-si para o desenvolvimento da formação da genericidade para-si. Na continuidade dessas reflexões, Costa certifica:

São condições históricas concretas que possibilitam a gênese da personalidade em-si e para-si, mas somente o caráter social da sociedade burguesa abre o caminho à expansão e constituição da personalidade com toda sua problemática, conforme explicitado nas nossas reflexões. Do mesmo modo, dá lugar ao surgimento de reflexões sobre a relação dialética do homem com os seus afetos num patamar de nível superior, quanto às

possibilidades do alcance da autêntica generidade humana (Costa, 2007, p. 122).

Conforme os pressupostos explicitados, podemos afirmar que até mesmo o homem dotado de alienação na sociedade capitalista é um ser social que está muito acima do mero ser-natural da humanização inicial. Como analisa Lukács (1981, p. 27): “A realidade prático-social de uma tal espécie de consciência não pode ser posta em dúvida: toda a história da humanidade é plena de efeitos práticos de atividades deste tipo e não deixa surgir dúvida a esse respeito”.

Por isso, Costa (2007), fundamentada no filósofo húngaro, reitera:

Com o surgimento da personalidade particular nos marcos da generidade em-si, abre-se a possibilidade à manifestação da personalidade não-mais-particular no sentido do para-si. O influxo das ideologias sobre as individualidades não é necessariamente negativo, visto que na intrincada e contraditória relação das individualidades com complexos ideológicos da vida social, a ação de dirimir conflitos pode conter momentos de impulso ao progresso social (Costa, 2007, p. 123).

Como já foi esclarecido por Marx, nessa forma de sociabilidade, marcada por conflitos cotidianos, temos a criação da esfera do desenvolvimento da produção (reino da necessidade) que não proporciona na mesma medida o desenvolvimento das capacidades singulares dos indivíduos. Por outro lado, nesta mesma sociabilidade de classes (com todas as suas distorções) repousa a riqueza material e espiritual que contribui para a construção do reino da necessidade, base material para a construção do reino da liberdade.

Destarte, diante da realidade contraditória e dialética historicamente construída pelos indivíduos, a alienação não deve ser considerada como a única forma de objetivação e exteriorização do processo social. Desse modo, as formas de objetivações e exteriorizações dos indivíduos podem contribuir para reproduzir ou revolucionar a sociabilidade burguesa.

Nessa perspectiva, a construção da passagem entre as objetivações e exteriorizações da generidade-em-si e aquelas para-si, na sua relação com a personalidade particular e não-mais-particular, revela duas linhas dinâmicas de objetivações e exteriorizações dos indivíduos: uma de submissão aos mecanismos de

manipulação; e a outra de resistência contra as diversas formas de manipulação alienadas peculiares à sociabilidade de classes.

Sob essa linha de pensamento, entendemos que a problemática da alienação tem relação direta com a formação da personalidade dos indivíduos na vida cotidiana. A efetiva aproximação do gênero não-mais-mudo com relação à generidade para-si dar-se-á com o amadurecimento da generidade em-si. Esse processo está diretamente relacionado com as objetivações realizadas pelos indivíduos, e os retornos desses atos em forma de exteriorização, formando um complexo reflexivo de atitudes objetivas e subjetivas que poderão contribuir para o desenvolvimento (não-mais-particular) ou para a deformação (particular) das personalidades dos indivíduos.

Nessa relação de vínculo indissoluto, entre a generidade para-si e a personalidade não-mais-particular, é que podemos compreender a superação efetiva da mudez do gênero humano, ou seja, como os indivíduos podem se desenvolver para além de sua personalidade particular.

Dessa maneira, ressaltamos que a elevação espiritual (apesar de sua grande relevância) dos indivíduos não pode ser vista como um seguro remédio contra as diversas formas de alienação peculiares à sociabilidade de classes, uma vez que o componente do modo de produção econômico-social pode vir a deformar a conduta dos homens de personalidade não-particular, colocando em segundo plano toda resistência ideológica individual, sem nunca a anular por completo.

Por ser a alienação um fenômeno também ideológico, segundo Lukács (1981), no contexto da sociabilidade de classes permeado de formas ideológicas alienadas, existe a possibilidade de um mesmo indivíduo alienado ideologicamente se contrapor, no âmbito do ser social, à lógica da manipulação, considerando que, com a análise do movimento dialético da história, passamos a compreender a realidade cotidiana de maneira refletida e vinculada com a totalidade em busca do processo da construção da consciência para-si.

Portanto, a relação entre gênero humano e formação das personalidades dos indivíduos é de grande relevância para compreendermos as raízes das diversas formas de alienação provenientes das sociedades de classes. Até porque a problemática da alienação se constitui em obstáculo para a superação efetiva da mudez do gênero humano em-si e da personalidade particular. É justamente na luta

pela efetiva relação entre genericidade para-si e personalidade não-mais-particular que se fundamenta a luta contra as diversas formas de alienação, estas que são responsáveis pela deformação das personalidades dos indivíduos.

Aqui, juntamente com Lukács (1981, p. 66-67), buscamos realizar uma síntese conclusiva sobre as bases ontológicas do problema da alienação, apontando em primeiro lugar que “[...] toda alienação é um fenômeno que tem fundamento socioeconômico e, sem uma clara mudança da estrutura econômica, nenhuma ação individual é capaz de mudar nada de essencial em tais fundamentos”.

Em segundo lugar, asseveramos que toda alienação é um fenômeno também ideológico e, portanto, “cada momento subjetivo da alienação pode vir a ser superado somente mediante posições práticas corretas do indivíduo em questão com o qual ele mude em termos efetivos, práticos” (Lukács, 1981, p. 66-67).

Em terceiro lugar, reafirmamos que a problemática da alienação só poderá ser compreendida em seus fundamentos ontológicos se a tratarmos como um fenômeno social concreto. Nos termos postos por:

[...] todas as formas de alienação operantes em um dado período são, em definitivo, baseadas na mesma estrutura econômica da sociedade. Por isso, a sua superação objetiva pode – não: deve – ser realizada mediante a passagem a uma nova formação ou a um período estruturalmente diverso da mesma formação (Lukács, 1981, p. 66-67).

Nosso autor revela, ademais, a grandeza da compreensão dessa problemática como um projeto revolucionário para erradicar a sociedade capitalista, afirmando que:

Não se trata aqui de um caso que em toda crítica radical, revolucionária, de uma ordem social, que aponte para transformações reais ou, pelo menos, para uma reforma de fundo, estejam presentes tendências a reconduzir teoricamente as várias formas de alienação à sua raiz social comum, para erradicá-las juntamente com esta (Lukács, 1981, p. 67).

Desse modo, dada a complexidade do pluralismo ontológico da alienação, Lukács (1981) analisa as possibilidades e perspectivas de superação dessa problemática. Esta é analisada como um dos problemas concretos por meio da superação do indivíduo alienado. Por isso, a possibilidade de vislumbrarmos indivíduos que lutam pela emancipação humana só pode ser realizada quando

levamos em consideração a importância de suas consciências articuladas ao mundo objetivo formando o complexo contraditório e dialético da práxis⁷ social.

Sendo assim, a conduta de vida dos indivíduos e suas ações cotidianas são fundamentais para a construção de possibilidades de superação das formas de manipulação da sociabilidade burguesa. Contudo, vale frisar que a superação de uma forma de manipulação não significa necessariamente o fim das outras alienações.

O autor ressalta a relevância de estudarmos esse objeto no seu plano concreto do ser social em seu sentido ontológico, demonstrando que seria um tortuoso caminho adotar um conceito geral para a alienação como fenômeno único, tendo em vista que na sociabilidade de classes são necessárias várias formas de alienação para a efetivação da subsunção do trabalho ao capital.

Nesta, presenciamos o processo da exploração do homem pelo homem, o qual, por sua vez, é apoiado em vários mecanismos da processualidade alienada instaurada na vida cotidiana dos indivíduos.

As diversas formas de alienação são compostas por um complexo processo de manipulação imposta aos indivíduos em sua processualidade, sendo justamente por meio desse processo que estudamos seu funcionamento. A esse respeito, Lukács (1981, p. 69-70), salienta a relação existente entre a alienação e a sua específica processualidade:

A alienação, portanto, no plano do ser não é jamais algo estático, mas representa sempre um processo que se desenvolve em um complexo: a inteira sociedade e a singular individualidade do homem. Esta processualidade, como sempre na sociedade, na qual é a posição teleológica dos indivíduos a constituir a base essencial, consta necessariamente destas posições, de um lado, e das séries causais que elas colocam em movimento, do outro.

Cabe ainda frisar que a luta contra as diversas formas de alienação é uma questão decisiva para o indivíduo, assim como o efeito desta na formação da personalidade do indivíduo assume o papel de intervenção modificadora. Nesse sentido, a resistência deve ser objetivada como fundamento da realização da vida

7 Desse modo, podemos concordar com o posicionamento de Vázquez (2007, p. 109) acerca da problemática da práxis: “Com Marx, o problema da práxis como atividade humana transformadora da natureza e da sociedade passa para o primeiro plano. A filosofia se torna consciência, fundamento teórico e seu instrumento”.

cotidiana de cada trabalhador na luta diária contra os diversos processos de alienação, dentre as quais, a alienação da sexualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos evidenciar os elementos centrais dos fundamentos ontológicos da alienação da sexualidade na obra *Para Ontologia do Ser Social* de Lukács (1981). Vimos a profundidade com que o filósofo húngaro trata a alienação, como um fenômeno, outrossim, ideológico. Logo entendemos que a luta dos indivíduos contra as diversas formas de alienações na sociabilidade de classes, assume um caráter também ideológico.

A problemática da alienação é um forte obstáculo ao desenvolvimento das personalidades dos indivíduos, isto é, um entrave para que estes possam saltar do estágio da esfera da particularidade em direção à autêntica personalidade não-mais-particular. Especificamente na alienação da vida sexual, tornam-se mais transparentes os níveis dos sentidos humanos mediados pela categoria do ter, provenientes de todo um processo de reificação e fetichização.

Nesse sentido, Lukács (1981) assevera que são diversas as formas de alienação responsáveis pela legitimação e estruturação da alienação econômica em torno da categoria do ter, no entanto, a degradação dos efeitos desse processo nas personalidades dos indivíduos é particularmente evidenciada na alienação da vida sexual.

Entendemos que, na estruturação da alienação econômica operam mediações intrínsecas a esse processo, por exemplo: a alienação provocada por mecanismos ideológicos, a alienação do homem em relação à mulher e da mulher em relação ao homem, a alienação das relações cotidianas que limitam os indivíduos à condição do ser em-si, a alienação religiosa; dentre outras. Não podemos tratar essa problemática como fenômeno geral e abstrato, tendo em vista que só é possível chegar aos seus fundamentos ontológicos, entendendo as mediações contraditórias e dialéticas que os envolvem. Daí retomarmos a alienação da vida sexual dos indivíduos, essa complexa problemática, denominada por Lukács de alienação da sexualidade.

Vale lembrar que Lukács (1981) põe em destaque a citação de Marx nos *Manuscritos de Paris* sobre a posição de Ferkuson em relação à alienação da vida sexual entre os indivíduos, assinalando que, através dessa relação, podemos avaliar o grau de civilidade que o homem conseguiu atingir.

De acordo com Lukács, para superarmos em sua radicalidade o interior das diversas formas de alienação fundadas pela relação capital-trabalho e seus processos de fetichização e reificação engendrados pela divisão social do trabalho, é necessário lutarmos contra toda forma de alienação atrelada à categoria do ter, que limita os sentidos dos entes sensíveis ao particularismo individualista, ao ponto de Marx, nos *Manuscritos de Paris*, comparar as funções humanas às funções meramente animais/bestiais, como acima assinalado.

Nessa direção, a mulher continua: 1) tendo que cumprir com os afazeres domésticos assumindo uma tripla jornada de trabalho; 2) sendo oprimida e ridicularizada como mercadoria pela sociedade capitalista; 3) sendo vítima da moralidade burguesa preconceituosa, limitada à estipulação de um padrão de comportamento feminino subjugado à perpetuação do machismo; 4) sofrendo com a desigualdade de oportunidades no mercado de trabalho; dentre outras práticas que demonstram a falsa emancipação feminina e, conseqüentemente, a perpetuação da alienação da sexualidade.

Somente com a instauração do comunismo, conforme Lukács (1981), a dimensão sensível dos indivíduos poderá beneficiar-se plenamente do desenvolvimento econômico e espiritual já produzido pela humanidade. Nessa perspectiva, entendemos, em suma, que a luta pela efetivação da emancipação feminina deve estar atrelada à luta contra as diversas formas de exploração do homem pelo homem.

Nessa direção, havemos que entender que a história da humanidade não sofre a determinação absoluta de qualquer modo de produção econômico-social, muito pelo contrário, a história é uma construção dinâmica, contraditória e dialética. Sob esta contingência, se dá a possibilidade da superação da sociabilidade burguesa e a necessidade imprescindível da luta contra o sistema, luta esta, em última análise, pela emancipação da humanidade.

Dessa maneira, diante da contradição entre as forças produtivas e as relações de produção, de acordo com o filósofo húngaro, os indivíduos podem adquirir um caráter de massa, transformando-se em fator subjetivo revolucionário.

Na sociabilidade dos conflitos cotidianos, as relações alienadas são manifestadas na vida dos indivíduos de acordo com os mecanismos do capitalismo que agravam a exploração do homem pelo homem. Assim, temos a criação do reino da necessidade que não proporcionou o desenvolvimento das capacidades singulares de todos os indivíduos, provocando o desenvolvimento contraditório entre individualidade e gênero humano.

Todavia, devemos reconhecer que a riqueza material historicamente construída pelos indivíduos contribui para a elevação do gênero humano. Essa duplicidade de funções das formas ideológicas, ou seja, reproduzir ou revolucionar no âmbito das contradições do ser social podem assumir a incumbência de limitar o gênero em forma de generidade em-si, ou podem inversamente desempenhar a função de desenvolver a generidade do seu para-si. Todo esse processo poderá realizar-se caracterizado por um movimento de continuidade e ruptura.

Por fim, este artigo representa um estudo introdutório sobre as categorias sensibilidade, o ter e a alienação da sexualidade na problemática da alienação na obra *Para uma Ontologia do Ser Social* de Lukács. Além disso, salientamos que a continuidade do estudo acerca da alienação da sexualidade, no contexto acima apresentado, representa uma longa jornada de produção científica numa perspectiva militante de contribuir com a luta contra a reprodução do sociometabolismo do capital em direção à emancipação humana.

REFERÊNCIAS

COSTA, Gilmaisa Macedo da. **Indivíduo e Sociedade**: sobre a teoria de personalidade em Georg Lukács. Maceió. EDUFAL, 2007.

HOLANDA, Maria. **Alienação e Ser Social**: determinações objetivas e subjetivas. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.

LESSA, Sérgio. **Para Compreender a Ontologia de Lukács**. Maceió. Edufal, 2007.

LUKÁCS, György. *L'estraniamento*. [trad. Norma Holanda]. In: **Per una Ontologia dell'Essere Sociale**. VOL. II**, IV, a cura de Alberto Scarponi, Roma: Riuniti, 1981.

LUKÁCS, György. **Para uma Ontologia do Ser Social**: os princípios ontológicos fundamentais de Marx. São Paulo. Editora Ciências Humanas, 1981.

MORAES, Betânia. **As bases ontológicas da individualidade humana e o processo de individuação na sociabilidade capitalista**: um estudo a partir do Livro Primeiro de *O Capital* de Karl Marx. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Ceará, 2007.

TERTULIAN, Nicolas. **Metamorfoses da filosofia marxista**: a propósito de um texto inédito de Lukács. Crítica Marxista, Campinas: n. 13, p. 29-44, 2001.

VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da práxis**. Tradução: Maria Encarnación Moya. São Paulo: Expressão Popular, 2007.